

Educação Profissional: região do cacau da Bahia entre diálogo de saberes e agroecologia

Professional Education: the cocoa region of Bahia between diálogo dos knowledge and agroecology

Recebido: 26/10/2023 | **Revisado:** 04/11/2025 | **Aceito:** 12/11/2025 |
Publicado: 11/09/2026

Adolfo Ramos Lamar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9314-4016>
Universidade Regional de Blumenau.
E-mail: jemabra@furb.br

Carlos Odilon da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8279-7855>
Universidade Regional de Blumenau.
E-mail: ccosta@furb.br

Ronaldo Lima Lindote

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2711-7308>
Universidade Regional de Blumenau.
E-mail: nalasy@gmail.com

Célia Regina Appio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2808-6849>
Universidade Regional de Blumenau.
E-mail: regippio@yahoo.com.br

Ailson da Silva Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2606-1197>
Universidade Regional de Blumenau.
E-mail: ailsondsm@gmail.com

Como citar: LAMAR, A.R.; COSTA, C. O.; LINDOTE, R. L.; APPIO, C. R.; MACHADO, A. S. Educação Profissional: região do cacau da Bahia entre diálogo de saberes e agroecologia. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 02, n. 26, p.1-22 e16345, set. 2026. ISSN 2447-1801.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Resumo

A Educação Profissional fundamentada na agroecologia busca cotidianamente que o ensino e a aprendizagem não sejam “via” de mão única, mas troca de conhecimentos entre o saber científico e o saber prático. Nesse sentido, o artigo é fruto de pesquisa bibliográfica. Referente ao tema da Educação Profissional e agroecologia, estuda a problemática do cacau em Ilhéus, na Bahia. Investiga em que medida, a relação existente entre os conhecimentos e sujeitos da produção de cacau, por meio do diálogo de saberes, promove oportunidades de aprendizagem ao longo da vida de forma equitativa. Tem como objetivo descrever como essas relações se constituem no contexto agroecológico. Constatou-se que, por meio do Diálogo dos Saberes, novas formas de conhecimentos agroecológicos sustentáveis, encontrados na relação trabalhador rural, agricultor e o produtor de Cacau, em Ilhéus, são criados e aplicados na prática.

Palavras-chave: Agroecologia; Diálogo dos Saberes; Ilhéus; Educação Profissional.

Abstract

Professional education based on agroecology seeks to ensure that teaching and learning are not a one-way street, but rather an exchange of knowledge between scientific and practical knowledge. In this sense, the article is the result of bibliographic research. Regarding the theme of professional education and agroecology, it studies the cocoa problem in Ilhéus, Bahia. It investigates the extent to which the relationship between knowledge and subjects of cocoa production, through the dialogue of knowledge, promotes opportunities for lifelong learning in an equitable manner. Its objective is to describe how these relationships are constituted in the agroecological context. It was found that, through the Dialogue of Knowledge, new forms of sustainable agroecological knowledge, found in the relationship between rural workers, farmers, and cocoa producers in Ilhéus, are created and applied in practice.

Keywords: Agroecology; Knowledge Dialogue; Ilhéus; Professional Education.

1 INTRODUÇÃO

Os princípios básicos, bem como os fundamentos da agroecologia, vêm sendo continuamente rediscutidos, atualizados e ampliados, o que permite distinguir e qualificar o que pode e o que deve ser o objeto de trabalho em agroecologia (pesquisa - desenvolvimento e formação). Pode-se argumentar que o reconhecimento da diversidade, do pluralismo e das controvérsias em torno da agroecologia no campo científico pode levar a uma contínua multiplicação, diversificação e reavaliação de seus princípios/conceitos e ou, ainda, de seu objeto de estudo; ou, ainda, suscitar, em uma perspectiva sociológica, uma análise sobre como diferentes atores, em diferentes contextos, elegem conceitos e princípios atribuídos ao campo de estudos da agroecologia visando orientar e qualificar suas ações.

A diversidade em relação à abrangência temática, conceitual e metodológica da agroecologia no campo da ciência se expressa - de forma emblemática - em sua relação com proposições tecnológicas, como a agricultura de conservação, a intensificação ecológica e a agricultura integrada, que têm sido objeto de forte contestação nos debates acadêmicos e políticos por estarem vinculadas, preponderantemente, a setores empresariais de produção em grande escala e ao consumo de insumos agroindustriais e sementes geneticamente modificadas.

Borsatto (2012), em seus estudos sobre a epistemologia da agroecologia, afirma que a agroecologia é um campo de estudos relativamente novo, o qual se serve de diversas abordagens utilizadas pelas ciências convencionais e que teve sua origem durante o contexto de crise socioambiental e, dessa forma, questiona a racionalidade econômica e tecnológica do capitalismo, apontando para outro paradigma.

Para Borsatto (2012), a agroecologia pertence ao campo científico e representa uma nova abordagem para enfrentar a crise socioambiental presente na contemporaneidade. Alguns autores, como Altieri, Caporal, Costabeber, Gliessman, Gomes, Salas-Zapata, consideram a agroecologia uma ciência em construção.

A epistemologia dominante foi gestada durante o Renascimento, onde a observação e a experimentação formaram o paradigma da ciência. Elaborada por Descartes, no livro Discurso do Método, a ciência fundiu-se com a tecnologia e reduziu o conhecimento como instrumento de dominação. Nesse contexto, as ciências agrárias apropriaram-se dessa concepção com o objetivo de aumentar a produtividade agrícola, gerando e acentuando a crise socioambiental no meio rural.

Para Borsatto (2012), a superação dessa crise implica numa revisão epistemológica, a fim de encontrar um novo paradigma para abordar a questão agrária. Os estudos de Borsatto (2012) mostram que a primeira fase da agroecologia surgiu como fenômeno pluridisciplinar que buscou na ecologia, elementos para enfrentar os problemas vivenciados nas ciências agrárias, apontando para a abordagem sistêmica do meio ambiente. Dessa abordagem sistêmica, surgiu o agroecossistema como uma análise feita pela agroecologia para superar o paradigma que permeia a ciência convencional, o qual se manteve positivista. Borsatto (2012) afirma que havia interesse em reintegrar a racionalidade ecológica à produção

agrícola e mudar, a partir de ajustes na agricultura convencional, torná-la viável nos aspectos social e econômico.

Essa nova perspectiva, para o campo da epistemologia da agroecologia, causou mudanças que influenciaram as áreas de conhecimento da agroecologia e educação. A agroecologia passou a valorizar o saber disciplinar gerado pelas ciências humanas e sociais, buscou romper com o positivismo a partir do reconhecimento de outros agentes sociais com outros saberes importantes, além do científico.

Ao superar essa barreira epistemológica, a agroecologia assumiu uma postura transdisciplinar, porque transcendeu a união de diferentes pesquisadores e disciplinas e voltou-se para a união dos diferentes saberes. Essa postura surgiu quando se percebeu que o agroecossistema é resultado da relação entre pessoas e seres vivos. No campo educacional, essa postura transdisciplinar vai além da junção de diferentes disciplinas. Ao reconhecer a importância de diferentes saberes, ela rompe com o modelo disciplinar, passando a um contexto mais significativo.

Paulo Freire, foi um dos precursores em problematizar a temática diálogo dos saberes, no sentido de orientar a relação entre o técnico e o agricultor, onde todos os sujeitos são educandos e educadores, em uma relação de ensino-aprendizagem (Freire, 1977). Na proposta de diálogo entre os conhecimentos, deve-se pensar numa epistemologia que trate a contextualização e a concepção sistêmica da vida como princípios filosóficos essenciais. Portanto, neste artigo, pensamos a agroecologia relacionada aos processos educacionais, como uma forma de agricultura sustentável, que agrega conhecimentos científicos e tradicionais e, ao mesmo tempo, o próprio conceito é polissêmico, percorrendo em uma visão de nova ciência ou uma prática ecológica por meio dos movimentos políticos sociais.

Nos escritos de Freire (1977), o diálogo pressupõe troca, uma relação de sujeitos iguais, ambos educadores e educandos, ou seja, uma relação horizontal em que nenhum é melhor ou mais que o outro e ambos são possuidores de conhecimentos, cientificamente ou socialmente construído. É importante que os pesquisadores deem retorno do que têm feito para a sociedade, mas também, é necessário ouvir para entender o que as pessoas desejam e precisam, bem como descobrir realidades e conhecimentos distintos dos ensinados nas universidades e nas escolas.

Portanto, este artigo parte da relação da educação que influenciada pelos pressupostos da revolução verde, quanto à disseminação de defensivos agrícolas a serem aplicados na agricultura convencional, tem gerado a necessidade do diálogo, da troca de conhecimentos. Nesse contexto, o presente estudo tem como pergunta de pesquisa: Em que medida, a relação existente entre os conhecimentos e sujeitos da produção de cacau - trabalhadores rurais, técnicos e empresários de Ilhéus - por meio do diálogo de saberes, promove oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, de forma equitativa?

E para auxiliar na resposta, foi elaborada uma pergunta secundária: Como o diálogo de saberes na educação pode contribuir para a construção do conhecimento agroecológico que contribua para produção do cacau de forma sustentável na região de Ilhéus, Bahia? Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral: descrever as relações existentes entre os conhecimentos e sujeitos da produção de cacau -

trabalhadores rurais, técnicos e empresários de Ilhéus - por meio do diálogo de saberes, se promove ou não oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, de forma equitativa visando à sustentabilidade.

A metodologia é de abordagem qualitativa, foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica sobre o tema.

2 EDUCAÇÃO POR MEIO DO DIÁLOGO DOS SABERES E AGROECOLOGIA

A diversidade conceitual em agroecologia geralmente é analisada como resultado de sua adaptação e utilização por atores de diversos campos sociais, cada qual com determinadas características específicas, diferentes formulações vêm sendo mobilizadas, principalmente, em quatro campos sociais: científico, dos movimentos sociais, governamental e educacional.

De acordo com Norder et al. (2016), no campo das instituições científicas, a agroecologia é caracterizada de diferentes formas: disciplina, interdisciplina, paradigma, ciência, conhecimento transdisciplinar, saber multiperspectiva, entre outras. Mas, para além dessa e de várias outras discussões epistemológicas, a agroecologia vem passando por um processo de institucionalização científica em diversos países.

Segundo Norder et al. (2016), nas organizações da sociedade civil organizada, a agroecologia é concebida, frequentemente, como um estilo de agricultura a ser construído ou como princípios/conceitos a serem aplicados com a finalidade de se constituir uma agricultura considerada sustentável. Essas organizações, em geral, reafirmam a necessidade de se levar em conta aspectos éticos e sociais e a importância das interações entre agricultores, consumidores e outros atores, o que remete a uma nova concepção, não apenas para a agricultura, mas também para o sistema agroalimentar. Percebe-se que nesse campo, a agroecologia é parte relevante de uma estratégia de mobilização social e política.

Por sua vez, no campo governamental ou político, Norder et al. (2016) cita que há no Brasil importantes experiências que ilustram a inserção da noção de agroecologia em políticas de desenvolvimento rural pelo governo federal, como é o caso da linha de crédito PRONAF Agroecologia (Programa Nacional de Crédito para a Agricultura Familiar), da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e da criação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). Nessa última, a produção de base agroecológica é definida como aquela que busca otimizar a integração entre capacidade produtiva, uso e conservação da biodiversidade e dos demais recursos naturais, equilíbrio ecológico, eficiência econômica e justiça social.

E no campo da educação, Norder et al. (2016) descreve que, em diversos países, a agroecologia tem sido pautada em cursos de atualização e de formação política, capacitação técnica e outras modalidades de educação não formal. Parte dessas atividades vem sendo realizada por movimentos sociais, sindicatos, associações, cooperativas e organizações não governamentais. Há também

iniciativas de educação ambiental em escolas do ensino básico e fundamental, que passaram a empregar a noção de agroecologia como conteúdo transversal. Destacam-se ainda diversas experiências no sentido de incluir a agroecologia como disciplina ou mesmo como ênfase pedagógica dos cursos de Agronomia, geralmente com a perspectiva de promover uma transformação no ensino em Ciências Agrárias.

Diante desse quadro, algumas questões podem ser aprofundadas sobre a diversidade teórica e política em torno da agroecologia. O recorte partirá da compreensão da abordagem epistemológica da agroecologia no campo educacional e a relação com o diálogo dos saberes, que se faz necessário devido, principalmente, por ser a Educação a área de interesse de pesquisa.

O diálogo entre a Ciência ou tecnologia e os conhecimentos tradicionais foi objeto de estudo do pesquisador Lopez (2020), que resgata os conhecimentos agrícolas tradicionais do povo Maia e busca revitalizar o idioma Maia e sua cultura na comunidade, como fonte de empoderamento e de conhecimentos para superação da crise ambiental que a humanidade vive.

Essa crise, segundo Lopez (2020, p. 2) se deve principalmente:

[...] es importante recalcar que la crisis ambiental global que se vive en la actualidad, se debe al olvido de nuestra cultura y como parte de ésta a las lenguas maternas, lo cual, ha traído efectos dañinos a toda la humanidad, principalmente a los pueblos indígenas, provocando etnocidios y ecocidios.

O pesquisador defende que as novas gerações mexicanas que vivem nas regiões rurais, compreendam como seus antepassados se relacionavam com a natureza mediante os conhecimentos agrícolas tradicionais,

Puede agregarse que los pueblos indígenas poseen una serie de conocimientos agrícolas, ecológicos, medicinales, que se han ido adaptando históricamente según las nuevas necesidades. A esto le podemos llamar como conocimiento tradicional, debido a que se ha venido formando ancestralmente a partir de la relación hombre-naturaleza (patrimonio biocultural). Saberes que no se conservan en documentos o libros, sino que circulan entre los miembros de las comunidades mediante la lengua (Lopez, 2020, p. 17).

Outro item assinalado em sua pesquisa, que merece atenção de estudo dentro de uma perspectiva do diálogo dos saberes, é que o autor percebeu, nos fundamentos teóricos das Políticas educativas ao longo da história do México, a influência do positivismo na desvalorização dos conhecimentos tradicionais. E frente a essa abordagem Lopez, (2020, p. 21) defende que “Entonces, las instituciones gubernamentales, universidades, centros de investigación y la sociedad en general deben reconocer que conservar la biodiversidad es mantener con vida la diversidad cultural de los pueblos indígenas.”

E ressalta como ainda são usados os conhecimentos tradicionais.” Entre las comunidades actuales de la mitad oriental de la península de Yucatán, se observan algunos nombres de deidades mayas relacionadas con la agricultura y se les designa con el nombre de Yuntzilo’ob 1 que significa “dueños o patrones” (Lopez, 2020, p. 22).

No diálogo de saberes, para que se fomente a construção de uma cultura sustentável, ou seja, o ser humano integrado com a natureza partindo dos conhecimentos tradicionais, o pesquisador Velázquez Cigarroa, em sua tese de doutorado na qual defende o diálogo de saberes na Educação Agrícola, percebe que as instituições educacionais devem impulsionar a aprendizagem mediante a integração dos saberes que orientem o equilíbrio da sociedade humana entre seus sujeitos e o meio ambiente. Segundo Cigarroa (2019, p. 155), “la cuestión ambiental influenciado por la cultura, que, a su vez, está en constante dinamismo epistemológico producto de factores externos, como la globalización, entre uno de los causantes principales. “O pesquisador defende a necessidade da Sustentabilidade nas unidades escolares frente a crítica situação ecológica ambiental que existe no mundo globalizado e mercantilista.

Os grandes impactos para o campo da agroecologia são caracterizados pela valorização dos saberes do camponês, que são específicos em relação ao agroecossistema, mas que a ciência não reconhecia como tal. E, o outro, está no reconhecimento de que os camponeses têm saberes importantes, e que existem outras possibilidades que envolvem a questão cultural e geográfica imbricada no campo epistemológico da agroecologia.

Villarroel (2010) esclarece que os saberes locais, por estarem atrelados às famílias camponesas e indígenas, têm demonstrado sua validação em decorrência dos acertos e dos erros e da socialização nas famílias indígenas e camponesas. O mesmo ocorre com o conhecimento científico e com os saberes advindos da prática via transmissão oral. A combinação dessas formas de construir conhecimento contribui para a construção de outros conhecimentos e saberes. Esse processo é chamado de processo de *Innovacion Tecnológica* a partir dos diálogos de saberes (Villarroel, 2010, p. 10).

Nesse sentido, Villarroel (2010, p. 10) afirma que:

Al igual que nos ámbitos académicos, donde se genera conocimiento basado en el método científico, en los ámbitos rurales se genera sabiduría y saberes basados en la vivencia, la práctica y en la transmisión oral. Es lógico pensar que a partir de estas formas de conocimiento, debidamente combinadas y complementadas, se pueda construir nuevos conocimientos y saberes, apropiables por las poblaciones rurales, quienes serían partícipes del proceso de construcción y por tanto con mayor probabilidad de ser aplicadas en sus sistemas productivos.

De acordo com Altieri (2012, p. 7), “a agroecologia é uma ciência para o futuro sustentável, ao contrário das formas compartimentadas de ver e estudar a realidade

[...] baseadas no paradigma cartesiano [...]. É uma nova ciência baseada num novo paradigma.

Para Borsatto e Carmo (2012), a agroecologia tem potencial para romper com a herança positivista, e esta ruptura ocorre a partir do reconhecimento de que existe saberes válidos e verdadeiros, circunscritos em outros campos, além do campo científico.

Borsatto e Carmo (2012) advertem que a agroecologia é um campo da ciência que impacta no deslocamento epistemológico do referido campo ao reconhecer que os saberes considerados válidos e verdadeiros são de outros campos além do científico. Por outro lado, Guzmán (2012) esclarece que a agroecologia é uma ciência em construção, a qual apresenta características transdisciplinares, porque integra o conhecimento tradicional e o conhecimento científico a partir de suas interações, trocas e metodologias de trabalho.

3 SOBRE VIVÊNCIA EM ILHÉUS E NA REGIÃO DO CACAU DA BAHIA: DA COLONIZAÇÃO À “VASSOURA-DE-BRUXA”

A história¹ de Ilhéus e da região Sul da Bahia se confunde com a própria história da Bahia e do Brasil, visto que se tratava do início do processo de exploração de recursos naturais e também de pessoas, para levar a cabo o projeto de colonização já em curso, com a finalidade do enriquecimento europeu.

Os relatos a seguir apresentam parte da sanha do colonizador no empenho de atender às exigências da corte portuguesa, e em contínuo, a análise das mudanças nas relações econômicas e sociais do município a partir do advento e apogeu da cultura do cacau até a grande crise que se instalara na região iniciada na de 1980.

Segundo Heine (2002), no Governo Geral de Tomé de Souza, Ilhéus se torna o maior centro econômico do Brasil. Tomé de Souza escreve para D. José III²:

1 De início, no período pré-colonial, não houve grande interesse pelos portugueses devido ao forte e lucrativo comércio com as Índias, mas devido às invasões francesas, como um dos fatores de preocupação, que já faziam comércio do pau-brasil utilizando mão-de-obra indígena, surge a necessidade de intensificar o povoamento para uma ocupação maior a partir das informações de Martin Affonso de Souza, que demonstrava já grande conhecimento do litoral brasileiro. Daí a criação do sistema de capitanias. A Capitania dos Ilhéos fora destinada a Jorge de Figueiredo Correia, que recebeu de D. João III o título cuja carta fora assinada em Évora em 26 de junho de 1534. Nobre de grande prestígio na corte portuguesa, rico, de grande influência nos negócios do governo, permanece na corte e envia para a Capitania seu amigo pessoal, o capitão-mor Francisco Romero. O capitão-mor, enviado, logo criou uma das primeiras vilas da história do Brasil: a vila de São Jorge dos Ilhéos, que posteriormente se tornou a cidade de Ilhéus, cuja administração vai se dar inicialmente a partir do morro de São Paulo, ilha próxima aos ilhéus, e que tinha dentre outras a incumbência a de “domesticar” índios num território que adentrava até os sertões de Goiás, além de fazer funcionar de forma eficiente o sistema de colonato nascente na região.

2 Para o progresso da Capitania, o donatário a divide em várias sesmarias e faz as respectivas doações aos seus amigos. Uma das mais importantes dessas sesmarias é a do Engenho de Santana, doada à Mem de Sá, que seria o futuro terceiro Governador Geral de Brasil. Cabe aqui dizer que esta região se tornou um “eldorado”; pessoas de diversas regiões do Brasil e de Portugal chegavam para a produção

[...] é a melhor coisa desta costa para fazendas e que mais rende agora para sua Alteza. Os índios dessa região eram os Tupiniquim e Tupinambá prioritariamente. Os Aimorés, originários da região, onde hoje é o Estado do Espírito Santo, considerados de grande “agressividade”, também passaram pelas plagas dos Ilhéus, mas foram rechaçados pelos combates empreendidos no governo de Mem de Sá (HEINE, 2002, p. 2).

Convém trazer a esse texto, a importante pesquisa realizada pela professora Teresinha Marcis (2000), em que apresenta fatos históricos de extraordinária importância para o conhecimento do trato entre os colonizadores, índios e negros escravizados no período. A autora revela uma rebelião naquele Engenho de Santana, que se situava nas proximidades da sede do município às margens do rio Santana, cuja composição era formada de escravizados índios e negros com os seguintes termos:

Quando, em 1789, os negros escravizados do Engenho de Santana fizeram uma rebelião e escreveram uma carta para negociar a volta ao trabalho, várias reivindicações estavam relacionadas à permissão de ter suas próprias plantações, tais como: - reivindicavam os dias de sexta e sábado para o trabalho próprio, o que demonstra que o proprietário, Manuel Silva Ferreira, não liberava nenhum dia para essa finalidade. - Reivindicavam também poder plantar em terras apropriadas: "Podemos plantar nosso arroz onde quisermos, em qualquer brejo (...)", já que o acesso a terra para fazer roças era dificultado, pois os canaviais ocupavam a maioria das terras agricultáveis. - E "uma barca grande" para que pudessem transportar também os seus produtos até a Bahia (Salvador), sem pagar frete (Marcis, 2000, p. 57).

Outro grande evento digno de nota é relatado por ocasião da revolta dos Tupiniquins, conforme Carta de Mem de Sá (terceiro governador geral do Brasil de 1557-1572) ao rei de Portugal, relatando os acontecimentos que culminaram com uma batalha chamada “batalhas dos nadadores”³.

e cultivo da cana de açúcar e ainda na esperança de que por aqui se chegassem até as já faladas minas de ouro e prata dos Sertões do Brasil. Nesse momento, vale dizer da importância e influência do índio e do negro no cultivo e produção da lavoura predominante nessa época, a cana de açúcar.

3 Os Tupiniquins reivindicavam justiça devido ao assassinato de um de seus membros por um dos colonos brancos, e ainda a acusação de os Tupiniquins terem matado dois dos colonos. Daí uma grande rebelião e um confronto de terrível desfecho: a Batalha dos Nadadores. Esta batalha ocorreu no ano de 1559, bem próximo a então sede da capitania, num lugar hoje chamado Cururupe. Os Tupiniquins cercaram a vila de Ilhéus, paralisaram a produção dos engenhos e ainda queimaram alguns engenhos. Conforme Silva Campos (2006, p.51), nesse período a capitania passava por um período de prosperidade, atingindo boa produção de açúcar, o que leva a deduzir, segundo Marcis (2000), que a alegada destruição dos engenhos não seria tão arrasadora como reclamaram os proprietários. O evento descrito a seguir é considerado por muitos estudiosos como um dos maiores, ou talvez, o maior massacre de indígenas no território brasileiro que pode ser classificado como um grande genocídio.

Neste tempo, veio recado ao governador como o gentio Tupiniquim da Capitania de Ilhéus se alevantava e tinha morto muitos cristãos e destruído e queimado todos os engenhos dos lugares e os moradores estão cercados e não comiam já senão laranjas e logo o pus em conselhos e posto que muitos eram que não fosse por ter poder para lhes resistir nem o poder do Imperador fui com pouco gente que me seguiu e na noite que entrei em Ilhéus fui a pé dar em uma aldeia que estava a sete léguas da vila em alto pequeno toda cercada de água ao redor de lagoas e as passamos com muito trabalho e antes da manhã de duas horas dei na aldeia e a destruí e matei todos os que quiseram resistir e a vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram atrás e por que o gentio se ajuntou e me veio seguindo ao longo da praia lhes fiz algumas ciladas e onde os cerquei e lhes foi forçado deitarem a nado no mar da costa brava. Mandeí outros índios atrás deles e gente solta que os seguiram perto de duas léguas e lá no mar pelejaram de maneira que nenhum Tupiniquim ficou vivo, e todos trouxeram à terra e os puseram ao longo da praia por ordem que tomavam os corpos perto de meia légua... (Marcis, 2000, p. 81, citando Varnhagen, 1956 - Tomo I, p. 315).

À guisa de uma análise, esses dois eventos mencionados podem ser emblemáticos para dizer sobre tom grave do processo da relação colonizador versus colonizado. Hoje, facilmente se detecta o longo processo histórico de abandono, desconfiança e hostilidade. Essa dicotomia artificializada e organizada intencionalmente para definir previamente hemisférios da terra ou para deixar claro quem manda e quem obedece, numa nítida exacerbação da vontade de separar seres humanos, como um grande “apartheid”, às vezes físicos, outras, tácitas e ainda outras, enrustidas e camufladas subliminarmente na linguagem, ao invés de que, desde sempre, os seres humanos deveriam se ver como iguais diante do ponto de vista planetário.

Nesse momento, vale citar Quijano (2005) que, a partir de seu Artigo, Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina, apresenta o quadro histórico, conceitual e imaginário que irá explicar o fenômeno da apropriação das terras, dos seres vivos e de homens e mulheres e, enfim, de todos os recursos naturais americanos.

A América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, consequentemente, foi classificada a população

da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (Quijano, 2005, p. 107).

Outra grande influência: a negra. Segundo (Andrade, 2010), dos negros escravizados vindos para o Brasil, destacam-se dois grupos: os “sudaneses” e os “bantos”. Os negros de Ilhéus são predominantemente “bantos” de Angola. Os “bantos” se encontram em toda a região sul da África, onde também se englobam os grupos angolas, caçanjes, congos, bengelas, cambinas e outros. Por ser introduzido como mão de obra escravizada, devido às dificuldades encontradas na mão de obra indígena, o negro escravizado se instalou trazendo a sua cultura em seu imaginário, mesmo dentro de um conjunto de situações extremamente adversas ⁴.

Ainda Quijano (2005), esclarece a questão da dominação que vai se estabelecer, desde então, como um modelo da estrutura do imaginário eurocêntrico até os dias atuais.

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população (Quijano, 2005, p. 117).

A questão agrária está na base de todo o desenvolvimento de uma nação que, historicamente, subentende que o campo sustenta a cidade.

O desenvolvimento em sentido amplo (envolvendo o desenvolvimento econômico, local e rural, social e sustentável), passa necessariamente pelo desenvolvimento agrário, pelas condições de produção e sustentação da produção do campo. Historicamente, não houve desenvolvimento industrial ou dos meios urbanos nas sociedades capitalistas que não tivesse por base uma política de reforma agrária, funcional, com intervenção e participação do Estado no tangente ao

⁴ Ilhéus e região possuem diversos terreiros de candomblé, que segundo estudiosos, uma reinvenção de religiões africanas, devido à necessidade de adaptações pelo sincretismo com “santos” da religião do branco; e ainda, sendo a hegemonia “nagô” dos candomblés da Bahia, contrastando com a singularidade do candomblé de “angola” do município de Ilhéus. Assim, temos em Ilhéus, desde tempos coloniais um entremesclar de situações étnico-sociais, econômicas e culturais, o que a torna extraordinariamente única em sua pluralidade.

fomento da produção agrícola. Em suma, entende que a evolução das sociedades é função do adequado enfrentamento da questão agrária (Paixão, 2017, p. 38).

Diante desse mote acima, vale dizer que a cultura da cana-de-açúcar que tanto marcou o início da economia da região dos Ilhéus de então, entra, na segunda metade do século 18, numa espécie de decadência. Possivelmente, deve-se isso à grande produtividade da cana-de-açúcar em outras regiões da Bahia e, também, em diversas regiões do Brasil. A produção desse nicho econômico é de grande importância para a economia nacional até os dias de hoje, considerando todos os seus derivados. Outro fator talvez seja a topografia do terreno da região, por ser em grande parte montanhosa, não propiciando o uso de grandes maquinários modernos.

Certo é que dos coronéis de patente que existiam em todo o Brasil, seguramente os da região do cacau estavam entre os mais proeminentes. Destacam-se entre os mais poderosos, o coronel Misael Tavares, que representava o poder econômico da região com suas setenta e sete fazendas de cacau⁵, cento e dezessete prédios, entre eles palacetes, casarões, sobrados, um banco e um hotel de 1930 que ainda está em atividade; cerca de cem mil arrobas de cacau por ano e o poder político do Coronel Antônio Pessoa, alinhado com o então presidente da Bahia J. J. Seabra⁶.

Essas relações sociais e agrícolas marcaram a identidade de toda a região do cacau aliada ao imaginário e ao modo de existência dessa região até hoje, seja pelas lendas, pelas extravagâncias dos ricos e até mesmo pela relação de dependência, imortalizada por Jorge Amado em livros, como Terras do Sem-fim, Gabriela, Cravo e Canela, Tocaia Grande e outros. Essa é uma região que abrange cerca de 90 municípios no sul do estado.

Vale lembrar que Ilhéus e região, ao longo da primeira metade do século 20, chegaram a ser os maiores produtores de cacau do mundo, tendo exportado pelo porto de Ilhéus mais de US\$ 1 bilhão em sacas de cacau⁷, sabendo-se que uma saca

5 Então, quase que por acaso surge na região dos Ilhéus uma planta que viria a ser o fruto identitário de toda a economia, bem como da vida e das relações sociais: o cacau. O cacau chegou à Bahia em 1746 quando um colonizador francês que vivia no Pará, Luiz Frederico Warneau, enviou algumas sementes ao fazendeiro baiano Antônio Dias Ribeiro, que as semeou no município de Canavieiras. Em 1752, foram plantadas as primeiras sementes em Ilhéus. Considerado de fácil plantio e bem aclimatado e adaptado à Mata Atlântica, o cultivo e a produção das amêndoas rapidamente, em menos de trinta anos, principalmente nas décadas de 1920 a 1950, a microrregião do cacau que compunha de cerca de dez a quinze municípios, viu o gosto do progresso, que se traduzia em estradas de ferro, em seguida estradas de rodagem, diversos casarões em estilo clássico e neoclássico, palacetes, jardins bem cuidados, gente vestindo tecidos importados, o comércio em toda efervescência, igrejas suntuosas, Catedral, lembrando aqui que muita gente chegou de fora do país e também de outras regiões do Brasil aproveitando os incentivos de uma república nascente, apelidada posteriormente de República Velha, República Café com Leite e República dos Coronéis.

6 A saga do cacau na terra da Gabriela. Recanto das letras. Parágrafo "O rei do cacau". Fragmento do livro A Bahia no século XX – Da saga do cacau à descoberta do petróleo – Almir Tosta. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/3899678>>. Acesso em 01 jan. 2025.

7 Conforme reportagem de Carlos Juliano Barros, A saga do cacau na Bahia, 01/05.05, disponível em <<https://reporterbrasil.org.br/2005/05/a-saga-do-cacau-na-bahia/>>. Acesso em 11 jan. 2025.

de cacau possui quatro arrobas⁸, o que equivale a sessenta quilos e que no início da década de 1980, obteve o segundo lugar na produção mundial, perdendo somente para Costa do Marfim⁹ (essas informações serão apresentadas em gráfico de pesquisa na sequência).

Segundo Santos (2006), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos” e, ainda referindo ao tempo e ao espaço, o espaço “é o resultado do desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção e das necessidades”, conforme Santos (1979):

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, (...) a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (...) Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (Santos, 1979, p. 42-43).

Nessa direção, Santos (2006) reafirma que o território não se limita a ser apenas um recorte geograficamente estabelecido, mas as “ações de homens e mulheres em suas múltiplas relações com esse espaço, construindo assim o sentido de territorialidade”. Então, a territorialidade se expressa enquanto sentimento ligado às ações e às atividades diuturnas com a natureza e com os seres humanos envolvidos.

Fuini (2014) acrescenta que:

A desterritorialização é o oposto da territorialização, pois envolve o desenraizamento e a desorganização de territórios pela saída ou perda de vínculos identitários da população que constitui um território/territorialidade, ou pela ação externa de comandos estatais ou corporativo-empresariais que introjetam novas lógicas de modernização capitalista e de controle político estranhos ao território. A globalização, enquanto processo e discurso do capitalismo financeiro e monopolista, teria uma lógica intensamente desterritorializadora. A desterritorialização associada a catástrofes naturais, guerras e pobreza cria os aglomerados de exclusão (Fuini, 2014, p. 233).

8 Uma “arroba”, no Brasil, equivale a 14,688 quilogramas, mas, para fins práticos, se arredonda para quinze. Portanto, o peso de **uma arroba** no Brasil **é de quinze quilos**.

9 AGROSULBA. Disponível em <<https://agrosulba.blogspot.com/2008/07/empresa-sua-apia-produtores-de-cacau.html>>. Acesso em 21 abr. 2025.

No final da década de 1980, uma praga chega à lavoura cacaujeira, apelidada de “vassoura-de-bruxa”.

4 VASSOURA-DE-BRUXA: UMA PRAGA CACAUEIRA

A região do cacau da Bahia enfrentou outras pragas, como a ferrugem e a podridão parda, mas com a intervenção da CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - foram detectadas e logo debeladas. Porém, com a praga da vassoura-de-bruxa foi diferente, devido à extrema agressividade e rapidez do contágio e a dificuldade do domínio da etiologia da doença para a busca de um antídoto eficiente; haja vista que a praga se espalha pelo vento que conduz os esporos danosos de uma planta para outra, que segue de uma fazenda para outra e, assim, em pouco tempo, atingindo toda a região do cacau. A vassoura-de-bruxa, “*Moniliophthora perniciosa*”, é considerada uma das mais destrutivas para o cacaujeiro, causando perdas severas dos rendimentos. Hoje ela possui o status de doença endêmica¹⁰.

Barros (2005), em poucas palavras, expressa muito bem o ocorrido:

Parece o enredo de um filme de terror pouco verossímil. Primeiro, os preços no mercado internacional despencaram por conta da grande oferta do produto em outros países, notadamente os da África. A natureza também não colaborou, mandando poucas chuvas e castigando as plantações com a inclemência do sol. Finalmente, como golpe de misericórdia, um fungo vindo da Amazônia sabe-se lá de que maneira, conhecido por “vassoura-de-bruxa”, apodreceu os frutos e sepultou de vez as esperanças de produtores descapitalizados, que ainda contavam com o bom humor da bolsa de Nova York – responsável pela cotação das commodities – para salvar a própria pele. O resultado não poderia ser mais desastroso: a queda vertiginosa da safra, associada à baixa rentabilidade, atolou fazendeiros em dívidas e desempregou centenas de milhares de trabalhadores (Barros, 2005, p. 1).

Ainda nas trilhas traçadas por Santos (2006), pode-se dizer que, grosso modo, o que se estabelecia como territorialidade, torna-se agora, a desterritorialidade que, com quebra de vínculos de identidade e de valores construídos ao longo do tempo, na relação espaço-tempo, em alguns casos, dos meios de sobrevivência, leva à necessidade de busca de uma reterritorialização diante da ruptura dos vínculos sociais e culturais que ali existiam.

Segundo Fuini (2014), “Quando esta mudança no vínculo que nos une ao território acontece, estamos perante um processo de desterritorialização. (...) A

10 Agrolink. Vassoura-de-bruxa. “Doença endêmica”. Disponível em https://www.agrolink.com.br/problemas/vassoura-de-bruxa_1625.html. Acesso em: 21 abr. 2025.

reterritorialização caracteriza-se por ser um processo que nem sempre é bem-sucedido, onde o homem se vai adaptar aos novos territórios”.

Assim, diante do exposto imediatamente acima, vale salientar que a doença que atacou as árvores do cacau, deixando suas folhas e galhos com o aspecto de uma “vassoura-de-bruxa”, não atingiu apenas a lavoura, modificou também a paisagem local; eliminou por completo aquela histórica relação social de “pertencimento” entre o proprietário de uma grande fazenda e os seus “fiéis” trabalhadores¹¹.

Guimarães (2014, p. 7) citando Balée (2008), alude a respeito de saberes ancestrais tanto de índios quanto negros escravizados; saberes que foram utilizados pelos donos de engenhos e de fazendas de cacau para a produção econômica da região cacaueira.

[...] é possível afirmar que os “pioneiros da cacaucultura” partiram de conhecimentos ancestrais de negros e índios na criação e desenvolvimento do Cacau Cabruca. Antes de serem “seres virtuais” e “sem existência real” os indígenas que habitam a Floresta Atlântica, os africanos escravizados de ontem e os quilombolas e pequenos agricultores de hoje são seres reais portadoras de um histórico de coexistência com a floresta e essa coexistência possibilitou o desenvolvimento de tecnologias agrícolas, de processamento de alimentos e de drogas medicinais sofisticadas enredadas na ancestralidade africana e indígena (Balée, 2008, p. 14).

A saber, “Cabruca” é um sistema agroflorestal tradicional da região, o qual maneja culturas à sombra das árvores nativas da Mata Atlântica.

Ainda falando da região do cacau da Bahia na primeira metade do século 20, com relação aos saberes e fazeres que envolviam as duas classes nitidamente percebida numa sociedade claramente dicotomizadas, a saber, de um lado a elite ou

¹¹ Envolvido também nesse contexto, o comprometimento do orgulho de ser de uma das mais prósperas regiões da Bahia e do Brasil, que outrora de tão grande importância econômica. Ilhéus e região cacaueira possui uma universidade estadual a UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, uma Universidade Federal, a UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia, sediada em Itabuna; possui também alguns Institutos federais para o ensino técnico, vários CEEPs - Centro Estadual de Educação Profissional, com cursos técnicos de nível médio, como Guia de Turismo, Logística, Eletromecânica, Hospedagem, Agroindústria e outros. A ideia é incentivar o empreendedorismo e a possibilidade de emprego. Até 2014, em Ilhéus e região ainda não havia um curso formal para a fabricação do chocolate, percebeu-se então, através de debates e discussões a partir de técnicos da Associação Cacau Sul Bahia-Indicação Geográfica do Cacau Sul da Bahia que a região possuía a história do cacau, mas não a história do chocolate. A partir dessa tomada de conhecimento, as Associações e sindicatos da região do cacau buscaram incentivar de maneira organizada e cientificamente respaldada, a fabricação e venda de subprodutos do cacau tais como: licor de cacau, chá de cacau, mel de cacau, “bastão de cacau” (massa 100% cacau), cocada de cacau (chocolate artesanal, com cacau e açúcar orgânico, sem coco), amêndoas de cacau torradas (doces e salgadas). incluindo o próprio chocolate. Ainda, de maneira preliminar, a região já dispõe do ensino da fabricação do chocolate em CEEPs, a exemplo do Centro Estadual de Educação Profissional do Chocolate Nelson Schaun e em algumas cooperativas para a fabricação artesanal.

a “aristocracia” da riqueza do cacau e do outro, o pobre trabalhador diretamente envolvido com o plantio e colheita ou ainda, outros trabalhadores envolvidos com o armazenamento, guarda e transporte do cacau para o porto de Ilhéus.

Essa era uma relação também forjada sob a égide do “medo”, pois cada coronel desse período possuía seu “exército” particular, composto por homens denominados de “jagunços”. Heine (2004, p. 42) disse que “Os coronéis não possuíam o saber, mas seus filhos tinham que possuir o título de doutor, mesmo que não precisassem trabalhar na carreira escolhida”¹².

Quando Freire (2014) falou do inédito-viável, possivelmente estivesse falando de uma utopia e de uma esperança. Como uma realidade prenhe da possibilidade de um diálogo entre as categorias, para que desse confronto pudesse surgir o diálogo de saberes, num rasgo de solidariedade em algum ponto e que se apresentasse ainda que de forma subjetiva, podendo ser um ponto de partida para a construção de uma sociedade mais humana e mais justa.

Certo é que os falares dessa região estão eivados de palavras indígenas e africanas, que facilmente se revelam pelos mitos e míticas nos modos de se conformarem com o ritmo da natureza, nas expressões corporais e comportamentais presentes em nomes de cidades, na culinária, nas cantigas, na agricultura em geral que inclui nomes de peixes e plantas, além de aspectos culturais diversos representados pelas artes regionais e folclore; sabendo-se que o diálogo de saberes, se impõe como um encontro de culturas e subjetividades, na direção de uma das trilogias de Paulo Freire: diálogo, liberdade e emancipação. Isso, em contrapartida ao pragmatismo positivista presente na colonialidade do europeu e de outros latifundiários da região sul da Bahia.

Ana Maria Araújo Freire, viúva de Paulo Freire, assim se expressa sobre o “inédito-viável”:

O ‘inédito-viável’ é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade (Freire, 2014, p. 225).

Freire (2014) ressalta que o caráter histórico do diálogo de saberes que se dá como inserção crítica na história, de seres que, ao se assumirem como sujeitos, fazem e refazem o mundo. Segundo Freire (2014), “estudar não é um ato de consumir ideias,

12 Nesse sentido, o diálogo dos saberes se dava em circunstâncias muito peculiares, pois ao mesmo tempo em que a elite construía escolhas, era necessário também que se estabelecessem, de forma distinta, dois tipos de ensino com muita clareza: um que era ensino para os filhos dos ricos e outro que era o ensino para o filho dos pobres, pois era importante que se mantivesse o “status quo” de certa “nobreza” e o distanciamento das famílias dos trabalhadores do comércio e da agricultura em geral.

mas de criá-las e recriá-las”. E aqui se dá a esperança ou uma franca “arte de tornar possível o impossível”¹³.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 1977, p. 82).

Diante do caos econômico e também social que se instalara na região, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, que inclui outros problemas como suicídios de alguns produtores, diante da “varrição” causada pela vassoura-de-bruxa, já aqui mencionada, produtores e agricultores tiveram que se reinventar. Então, nesse ínterim, o diálogo dos saberes se fez presente. Como por exemplo, o mel do cacau, que ao longo do tempo, era extraído no meio da roça e distribuído para a vizinhança e amigos, cujas amêndoas eram deitadas na folha de bananeira; esse é o néctar que escorre do fruto do cacau.

Ainda hoje, em certa medida, ainda se faz assim, mas conforme Paulo Freire, também aqui já mencionado, nesse nicho faz-se a arte do encontro entre o empírico naturalmente constituído e o elaborado tecnicamente consolidado, que inclui rótulos apropriados, responsável técnico, devidamente engarrafado e com formatação industrial, e ainda outras derivações, tais como cachaça com o mel do cacau, geleia de cacau, polpa do cacau, nibs de cacau (sementes de cacau fermentadas, secas, torradas e trituradas), cacau em pó, manteiga de cacau e, mais conhecido, o chocolate caseiro e também industrializado¹⁴.

Dessa relação, ainda, dentro do diálogo dos saberes, várias fazendas de cacau¹⁵ se tornaram hotéis-fazenda, com o aproveitamento de agricultores que fazem o trabalho de guias de turismo apresentando a história e a vivência dos personagens envolvidos naquela localidade. Convém ressaltar o esforço de órgãos, como o Centro Executivo do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), a Associação Cabruca e outras,

13 Convém dizer ainda, que a região aposta no turismo devido às atraentes paisagens naturais, sua extensa orla marítima e os lugares, saberes e falares divulgados nos livros de Jorge Amado e de outros escritores grapiunenses. Ilhéus e a região do cacau ainda possui cacau que alimenta três indústrias de transformação das amêndoas de cacau em chocolate ainda puro, pronto para exportação ou para o beneficiamento interno em diversos outros subprodutos; embora já tenham surgido episódios de se ter que importar cacau para o atendimento das demandas das indústrias locais. Incluindo também o turismo comunitário, em que turistas são atraídos para as comunidades, prioritariamente rurais para conhecerem os falares, os fazeres, as artes e, enfim, a cultura local. Há também uma grande onda de construção de prédios altos em sua orla sul, bem como nas avenidas centrais da cidade; facilmente veem-se casarões antigos e históricos, dando lugar para empreendimentos de construção civil. Ainda é importante dizer que um dos recursos de sobrevivência e renda é a agricultura familiar, assim como ocorre em todo o Brasil, com o apoio do PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura e do BNDES.

14 Graviola da Bahia. Produtos derivados do cacau na região sul da Bahia. Disponível em: <<https://www.gravioladabahia.com.br/cacau-riqueza-sul-bahia>>. Acesso em: 20 out. 2025.

15 Bahia terra. Expansão do turismo de cacau em fazendas. Disponível em: <<https://www.bahiaterra.com/posts/fazendas-de-cacau-ilheus>>. Acesso em: 21 out. 2025.

que se debruçaram sobre o problema para levar apoio técnico-científico e jurídico para os envolvidos na produção do cacau e seus derivados.

Gonçalves Alcoforado (2003) assevera que todos os grandes eventos políticos e sociais que influenciaram a economia no Brasil não partiram de movimentos sociais, mas sim de acordos feitos pelas elites dominantes. E ainda explica que “a principal característica da economia que o europeu implantou e desenvolveu na Bahia como em todo o Brasil foi a de ser uma economia voltada para o mercado externo”. O PIB da Bahia - Produto Interno Bruto, em 2021, foi R\$ 347,9 bilhões, de acordo com levantamento da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais-SEI¹⁶.

Então, Gonçalves Alcoforado (2003), apresenta a sua tese (vide referências), dizendo que:

[...] o objetivo de demonstrar que o desenvolvimento econômico e social do Estado da Bahia não vem se viabilizando pela falta de um projeto político progressista que contribua para utilizar na plenitude as forças impulsionadoras de seu desenvolvimento e para neutralizar suas forças restritivas (Gonçalves Alcoforado, 2003, p. 1).

Figura 1: Composição percentual das exportações: principais segmentos na Bahia de 1965 a 1995

Segmentos	Composição das exportações (%)						
	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995
Químico e Petroquímico	-	-	0,09	17,16	17,16	26,18	33,96
Metalúrgico	-	1,00	4,00	3,96	3,96	19,13	17,14
Papel e Celulose	-	-	-	-	-	-	15,68
Minerais	-	-	-	-	-	11,7	6,45
Cacau e derivados	43,79	62,82	55,84	40,60	40,60	19,64	6,18
Derivados de petróleo	-	3,04	7,38	21,65	21,65	14,92	5,11
Grãos, óleos e ceras vegetais	-	-	-	-	-	-	2,11
Frutas e suas preparações	-	-	-	-	-	4,31	1,30
Sisal e derivados	11,00	8,00	8,85	3,15	3,15	4,21	1,07

Fonte: Lima e Queiroz (1996).

Conforme Gonçalves Alcoforado (2003), a composição da exportação tinha o cacau como produto mais expressivo (62,82%) em 1970, que passa a decair a partir de 1975, chegando a 6,18% em 1995. Diferentemente, papel e celulose e os produtos metalúrgicos, químicos e petroquímicos passam a representar maior peso nessa composição. Segundo Aguiar e Pires (2019) em razão da crise na cacauicultura, Ilhéus e região passaram por um profundo processo de reorganização socioeconômica e produtiva. Ainda com espaço econômico agrário-exportador a

16 ibahia. Disponível em <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/pib-baiano-cresce-32-no-quarto-trimestre-e-fecha-2021-com-expansao-de-41/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

cidade tenta se enquadrar em outros processos econômicos e criar uma roupagem para atender novos processos econômicos.

É importante salientar que conforme índice do IBGE, Ilhéus, em 2010, possuía 184.236 habitantes, enquanto índice de 2022, 178.649 habitantes¹⁷. Isso confirma as narrativas de que Ilhéus tem uma evasão de cerca de mil jovens por ano. Todavia, a região é forte, a terra é boa, e como disse Frei Henrique Soares, em sua carta, por ocasião do “achamento” do Brasil em 1500, “(...) nesta terra, em se plantando, tudo dá”. Ilhéus é, sem dúvida, uma cidade que não obstante o seu passado confuso, controvertido, incerto e complexo, ainda insiste em ser cativante, acolhedora e bonita.

O diálogo pressupõe troca, uma relação de sujeitos iguais, ambos educadores e educandos, ou seja, numa relação horizontal em que nenhum é melhor ou mais que o outro, e ambos são possuidores de conhecimentos, cientificamente ou apenas socialmente construído. O conhecimento científico e o conhecimento popular são diferentes, complementares e não são antagônicos. Uma relação recíproca e dialógica pressupõe a prática do saber ouvir, estimular o outro a falar, a opinar, a participar igualmente, como também a disposição de aprender com o outro quando desafiado e em uma metodologia cujo modelo teórico-pedagógico é a perspectiva decolonial, tendo como fundamento a internalização das atividades socialmente e historicamente produzidas, dos modos culturais de pensar e agir, a partir da relação mediada pelo outro e pelos sistemas simbólicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire traz o conceito de diálogos de saberes que aparece na relação entre o técnico e o agricultor, para a orientação de que tanto um quanto o outro possui conhecimentos que podem ser complementares. Então, o diálogo dos saberes seria o encontro do conhecimento científico, elaborado e sistematizado com o conhecimento popular adquirido através da experiência, portanto empírico. Nesse sentido, educador e educando são duas instâncias que se completam e se complementam na construção do conhecimento agroecológico sustentável, tendo o diálogo como elemento-liga dessa amalgama que não se pode prescindir da cultura e da subjetividade, considerando que o ser humano “seja capaz de criar as condições de sua existência atuando sobre a natureza, transformando-a e transformando-se a si próprio” (Andrade, 2010, p. 3).

A epistemologia da agroecologia sustentável aponta para o diálogo de saberes como um dos elementos constitutivos da dinâmica de uma prática ou de uma proposta na perspectiva agroecológica. Dessa forma, os saberes do camponês/ trabalhador do campo, do negro e do índio são essenciais para o processo de educação, segundo a abordagem proposta neste artigo.

Os processos educacionais e históricos que ocorreram em Ilhéus, na Bahia, envolvendo os conhecimentos e sujeitos da produção de cacau, padrões versus peões,

17 IBGE. Cidades e Estados. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/ilheus.html>>. Acesso em: 20 out. 2025.

trabalhadores rurais, técnicos e empresários, configuram-se em um amplo processo de luta para vencer os desafios postos pela vassoura-de-bruxa, que, por sua vez, alterou o modo de cultivo do cacau na região de Ilhéus, bem como as relações interpessoais que ensejam outro nível de diálogo de saberes. Assim sendo, destacamos a importância do diálogo de saberes para o fortalecimento dos processos educacionais que valorizem e visem práticas agroecológicas sustentáveis.

Foi possível constatar, ao longo deste estudo, a importância da agricultura familiar para Ilhéus e região, para manutenção das famílias no campo, bem como sua participação na produção de alimentos para a geração de renda e para o consumo familiar. Para tanto, várias associações e cooperativas entraram em convênio com o Estado e Prefeituras e firmaram linhas de crédito específicas para o setor. A ideia é fomentar o desenvolvimento regional e que a agricultura familiar deixe de ser apenas uma atividade de subsistência. Hoje, a região está se fortalecendo nesse segmento que inclui frutas, verduras, raízes, hortaliças e ainda fábricas de chocolate da agricultura familiar.

Constatou-se também, outro nicho relevante que a região encontrou na tentativa da superação da crise econômica aqui já citada: o Turismo Comunitário que cresce em Ilhéus e região, aproveitando assim as riquezas naturais, culturais e sociais que em muito atraem turistas de diversos lugares do Brasil e do mundo. Conforme Bertholo et. al (2009)¹⁸, “turismo comunitário é uma modalidade de turismo desenvolvida pelos próprios moradores de um lugar, passando a articular atividades, operações e empreendimentos em uma comunidade que recebe visitantes de vários níveis”.

Ilhéus é um destino que abriga muitas histórias imortalizadas pela literatura da região, como Gabriela Cravo e Canela, Terras do Sem-fim, Léguas da Promissão e outros; um extenso litoral com belas águas e também fazendas que foram utilizadas em novelas muito conhecidas e veiculadas nas grandes mídias, que retrataram o apogeu da região nas décadas de 1920 e 1930. E ainda diversas construções centenárias ainda preservadas que funcionam como testemunhas da época de ouro do cacau.

Os conhecimentos dos agricultores, produzidos socialmente por esse grupo cultural, precisam ser valorizados para a reflexão e para traçar estratégias de intervenção buscando o desenvolvimento das comunidades. O Diálogo de Saberes implica na valorização da capacidade do agricultor para aprender, para decidir sobre os seus recursos e sobre seus projetos de vida. Portanto, os processos educacionais e históricos que ocorreram em Ilhéus, Bahia, envolvendo os conhecimentos e sujeitos da produção de cacau, trabalhadores rurais, técnicos e empresários configura-se num amplo processo de luta para vencer os desafios postos pela vassoura-de-bruxa, que por sua vez alterou o modo de cultivo do cacau na região de Ilhéus. Nesse sentido, destacamos a importância do diálogo de saberes para o fortalecimento dos processos educacionais que valorizem e visem práticas agroecológicas sustentáveis.

18 BERTHOLO et al. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileira. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-base-comunitaria-diversidade-de-olhares-e-experiencias-brasileiras.pdf/view>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. C. B. de; PIRES, M. de M. A região cacauera do sul do estado da Bahia, Brasil: crise e transformação. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, [S. l.], v.28, n. 1, p. 192-208, 2019. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/67437>. Acesso em: 20 de mar. 2025.

ANDRADE, MÁRCIA R. **II Seminário Nacional de Ensino e Extensão Rural**. Notas para discussão sobre o diálogo de saberes: Experiências Inovadoras no Ensino de ATER. 2010.

ANDRADE, S. **Aldeia de Angorô à Roxo Mucumbo: Candomblé e Tradição Angola em Ilhéus (1885-1941)**. 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/10702258-Aldeia-de-angoro-a-roxo-mucumbo-candomble-e-tradicao-angola-em-ilheus-1885-1941.html>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ANDRADE, F. C; ALMEIDA, C. D. Normalice de; LINDOTE, R. L. **Mascote**: um sobrevivente na crise do cacau. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

BALÉE, W. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. **Revista de Arqueologia**, 21, nº. 2: 09-23, 2008. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/248>>. Acesso em: 21 out. 2025.

BARROS. C. J. **A saga do cacau na Bahia**. 2005. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2005/05/a-saga-do-cacau-na-bahia/>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. **Agroecologia e sua epistemologia**. Interciência, Caracas, Interciência v. 37, nº. 9, p.711-716, 2012.

CIGARROA, V. **Agroecología y Educación Media Superior**. Investigación e intervención para la sustentabilidad en la EPO 100, Estado de México. Tesis de Doctorado em Educación Agrícola Superior. Universidad Autonoma de Chapingo. México, 2019.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 273-333.

FUINI, L. L et al. **Território, territorialização e territorialidade**: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. 2014. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 11169-11182. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/141722>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

GONÇALVES ALCOFORADO, F. A. **Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia**. 2003. Disponível em: <<https://www.tdx.cat/handle/10803/1944#page=43>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

GUIMARÃES, E. A. M. **Ciência, técnica e tecnologia**: Vassoura de Bruxa, Cacau Cabruca e a ideia de progresso no Sul da Bahia. Anais Eletrônicos do 14^o. Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14^o. SNHCT. 2014.

GUZMÁN, E. S. A perspectiva Sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e Técnicas. In: **Agroecologia e desarrollo rural sustentable**. Porto Alegre. Emater, 2002.

HEINE, M. L. **Jorge Amado e os coronéis do cacau**. Ilhéus, EDITUS, 2004.

HEINE, M. L. **Passeio na capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 2002.

IBGE. **Censo demográfico 2022**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 mai. 2025.

LIMA, S. do C.; QUEIROZ, J. P. de. As veredas e a evolução do relevo. **Sociedade e Natureza** 15:481-488. 1996.

LÓPEZ, S. C. **Conocimientos Agrícolas Tradicionales y su Relación con la Acción y su Relación con la Pérdida de la Lengua**. Tesis de doctorado em

Ciências em Educación Agrícola Superior. Universidad autónoma Chapingo, Estado de México, 2020.

MARCIS, T. **Viagem ao Engenho de Santana**. Ilhéus: EDITUS, 2000.

NORDER, L. A. et al. **Agroecologia**: Polissemia, Pluralismo e Controvérsias. Ambiente & Sociedade. São Paulo, v. XIX, nº. 3 n p. 1-20 n jul.-set. 2016.

PAIXÃO, F. O. da. **A questão agrária e o desenvolvimento nacional**. 2014. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/2823>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina, in: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ed. CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2025.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA CAMPOS, J da. **Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. 3ª. ed. Ilhéus: EDITUS, 2006.

VARNHAGEN, F. A. **História Geral do Brasil**. Vol. I, 6ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956.